



## Humor no mundo dos escritores

Não é só a literatura que pode ser divertida; a vida literária também está cheia de episódios engraçados, de frases de espírito que merecem ser lembradas com um sorriso.

E tudo indica que este ano de 1991, que está começando, vai ser duro, vai nos impor muitas atribuições e, portanto, vamos

necessitar de coisas que nos façam sorrir para aliviar as tensões e agruras da vida.

Foi pensando nisso que resolvi reproduzir aqui nesta página algumas historinhas de e sobre escritores, que venho colecionando há muitos anos. Espero que vocês se divirtam com elas.

Segundo informação de Brito Broca - em *A Vida Literária no Brasil de 1900* - José do Patrocínio foi o primeiro brasileiro que importou da Europa um automóvel.

Patrocínio e seus amigos faziam sucesso com o carro.

Luís Edmundo conta que um dia Patrocínio estava ensinando Olavo Bilac a dirigir e o poeta, desajeitado ao volante, acabou lançando o veículo contra uma árvore da Rua da Passagem, em Botafogo.

Felizmente, como a velocidade não podia ser grande, ninguém ficou machucado.

Mas Bilac se tornou o pioneiro dos desastres de automóvel no Brasil.

• • •

O grande escritor alemão Heinrich Heine (de quem Marx foi amigo pessoal durante um certo período) vivia no exílio (na França). Em seus últimos anos de vida, sofreu muito, passou oito anos preso ao leito por uma paralisia. Mas não perdeu o senso de humor, a ironia que o caracterizava.

Quando a família percebeu que ele estava morrendo, chamou um padre, que lhe disse:

- Sei que o senhor pecou muito. Agora, porém, está na hora de se arrepender. Peça perdão a Deus.

Heine retrucou, com voz fraca:

- Deus vai me perdoar, de qualquer jeito. E a profissão d'Ele...

• • •

O poeta e cronista Paulo Mendes Campos saiu de uma pescaria, chegou a uma praia quase deserta, pôs-se a caminhar por ela. Encontrou um cidadão de canção em punho e perguntou-lhe:

- Este lugar é bom pra peixe?

O outro respondeu:

- Deve ser, pois nenhum deles quer sair.

O romancista Lúcio Cardoso, famoso autor da *Crônica da Casa Assassinada*, pediu uísque num bar e, depois de servido, reclamou do reduzido tamanho da dose. O garçon tentou se justificar da parcimônia, alegando que aquele era um legítimo escocês de doze anos. O escritor não se conformou:

- Com essa idade, podia estar mais crescendo...

• • •

O cardeal Du Bellay, um dos homens mais influentes da França na época do descobrimento do Brasil, estava, uma vez, se preparando para devorar um suculento bife, quando seu médico, o genial escritor François Rabelais, bateu no prato com uma varinha e falou:

- Muito indigesto.

O cardeal, impressionado, desistiu da refeição. Levantou-se, saiu e, quando regressou, espantou-se de encontrar o próprio Rabelais saboreando o filé proibido. Estranhou:

- Você não disse que era muito indigesto?

O médico explicou:

- O bife, não; o prato, que é de louça.

• • •

Emílio de Menezes, o poeta gordo e brincalhão, não gostava do cronista João do Rio. Achava-o meio "afrescalhado". E, quando João do Rio foi eleito para uma vaga na Academia Brasileira de Letras, Emílio dedicou a eleição uma quadrinha bem humorada:

"Na previsão de próximos calores, a Academia, que idolatra o frio, não podendo comprar ventiladores, abriu as portas para João do Rio".

• • •

Explicação dada pelo escritor Alvaro Moreyra (cujo centenário foi comemorado ano passado) para o celibato clerical: "A Igreja não admite o divórcio. Por isso, os padres não casam".

Um escritor mediocre se lamentou certa feita diante de Oscar Wilde:

- Organizaram contra mim uma conspiração de silêncio! Que posso fazer?

Wilde, implacável, aconselhou:

- Entre na conspiração.

• • •

Em seus últimos anos, o grande escritor inglês George Bernard Shaw manifestava simpatias pela União Soviética, coisa que irritava muito alguns jornalistas conservadores. Um repórter, hostil, indagou do teatrólogo se era verdade que ele teria declarado a alguém que gostaria de passar seus últimos dias na URSS. Shaw respondeu-lhe:

- A verdade, meu caro, é que eu não gostaria de passar meus últimos dias em nenhum lugar.

• • •

Hospedando-se num hotel em Lambari, o escritor Artur Azevedo notou que uma senhora jovem e bonita não tirava os olhos dele. Embora já estivesse bastante castigado pelos anos, o mestre do nosso naturalismo teve a agradável impressão de que estava fazendo sucesso. Mas a moça acabou por esclarecer:

- O senhor, com esse rosto redondo, é a cara da minha falecida mãe. Nunca vi semelhança tão extraordinária!

• • •

Esopo - o célebre fabulista da antiga Grécia - era escravo. Um dia, quando ia levando um recado de seu amo para uma senhora, foi detido na rua por um policial, que lhe perguntou:

- Para onde vais, escravo?

- Não sei, respondeu Esopo.

O policial achou a resposta petulante e o prendeu. Quando ia sendo levado para a cadeia, Esopo não pôde deixar de sorrir:

- Vê o senhor como eu tinha razão? Não sabia para onde ia...

Os surrealistas tinham grande admiração por Alfred Jarry, escritor francês que, na passagem do século passado para este século, agitava a vida parisiense com suas estrepitosas.

No fim da vida, o autor do *Pai Ubu* (existe uma tradução da peça feita por Ferreira Gullar) morava num vão de escada, numa pensão, entre o segundo e o terceiro andar. Dava tiros de revólver para matar as aranhas; e explicava:

- O revólver é o melhor meio de matá-las porque conserva as teias, que são muito decorativas.

Uma leitora foi visitá-lo, ele estava de cama, doente. Na cabeceira do leito do enfermo, uma estátua de quase meio metro representava um falo ereto. A visitante não conseguia desviar os olhos do imponente objeto. Na hora de sair, despedindo-se, apontou para a "coisa" e balbuciou a pergunta:

- E... um... monumento?

Jarry, tossindo, resmungou:

- Não. É uma miniatura.

José do Patrocínio Filho, o Zeca, descendente do "Tigre da Abolição" (que, como lembramos, foi o primeiro brasileiro a importar um carro europeu), herdou o lado boêmio e "novidadeiro" do pai. Mas ultrapassou - e muito! - o modelo paterno.

Nos bares de Montmartre, em Paris, o imaginoso jornalista Patrocínio Filho contava aos gigolôs e às prostitutas que era o rei de uma tribo da Amazônia. Dizia que tinha ensinado a um papagaio a frase: "Viva o Patrocínio!". Depois, o papagaio fugira.

Um dia, em plena floresta amazônica, após uma dura caçada (em que havia capturado uma onça), sentou-se sobre um tronco, à margem de um igarapé, e ouviu o som de um imenso bando de papagaios, que gritavam, em coro:

- Viva Patrocínio! Viva Patrocínio!